



**LUTZENBERGER
UNIVERSAL**

Exposição com cem obras de arte de José Lutzenberger, oriundas de várias procedências: acervos da Associação Comercial de Porto Alegre, Pinacoteca Barão de Santo Ângelo/ UFRGS, Comunidade São José, acervo de Lilly Lutzenberger e coleções particulares.

As obras de arte para o catálogo foram fotografadas em situações diversas, emolduradas de diferentes modos, de forma que podem apresentar manchas inerentes aos suportes ou mesmo como resultado dos seus materiais e estado de conservação.

LUTZENBERGER UNIVERSAL

CURADORIA
José Francisco Alves

Imagem da capa

Retrato de Joseph Lutzenberger,

Óleo sobre tela, ago. 1915, 45 x 35,5cm.

Hermann Klimsch (1867-1960) *identificação

desse autor após a conclusão do texto

Acervo Lilly Lutzenberger

Exposição

**LUTZENBERGER
UNIVERSAL**

Presidente da Unimed Federação/RS

Nilson Luiz May

Curadoria

José Francisco Alves

Responsável pela Casa da Memória

Salus Loch

Casa da Memória Unimed Federação/RS

3 de abril a 3 de julho de 2024

Rua Santa Terezinha, 263

Bairro Farroupilha, Porto Alegre-RS

Edição e texto | José Francisco Alves

Fotografias | Nilton Santolin

Agradecimentos:

Álvaro Valls

Associação Comercial de Porto Alegre

Carlos Jader Feldman

Cláudio José Allgayer

Comunidade São José

Fundação Pão dos Pobres

Lara Lutzenberger

Lilly Lutzenberger

Lisiane Botelho Ferreira

Lucas Volpatto

Luciana de Oliveira

Marcelo Roncato

Marco Aurélio Biermann Pinto

Maturino da Luz

Paula Ramos

Paulo Amaral

Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, IA/UFRGS

Rosane Tomasi

Saul Baldasso Pires

Suzana Vellinho

Tarso Carneiro



JOSÉ LUTZENBERGER

Engenheiro-Architecto

Rua Dona Thereza, 39

Tel 7595

PORTO ALEGRE



Paisagem da Baviera.
Nanquim e têmpera,
23 de setembro de 1904,
21x13,5cm.
Acervo Lilly Lutzenberger



**Um dia movimentado em
Altötting, Baviera.** Aquarela,
23x15,5cm.
Coleção particular

A

Casa da Memória Unimed Federação/RS promove e produz mais uma mostra de sua programação, com a presente exposição do célebre artista e

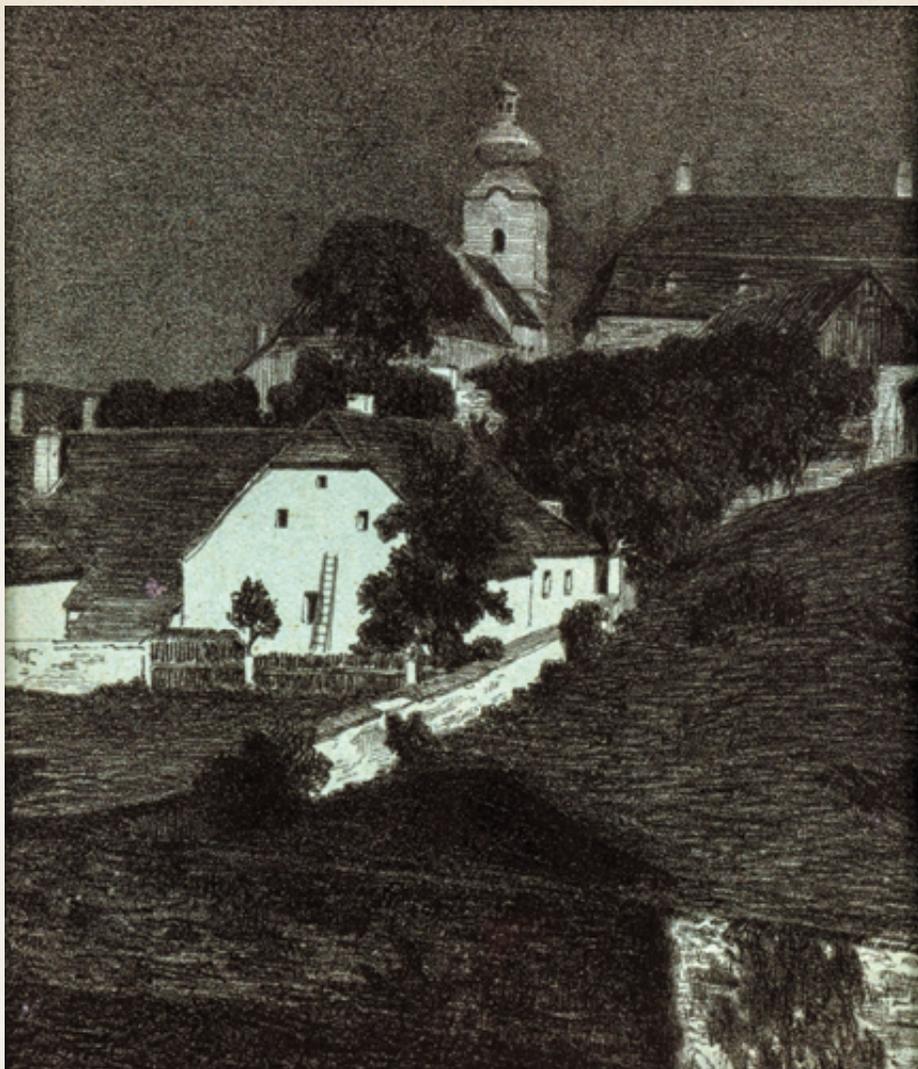
arquiteto José Lutzenberger (1882-1951). Até o momento, realizamos nove exposições, sendo seis individuais e três coletivas, em um arco que envolveu arte histórica, arte contemporânea e literatura.

Inaugurada em 25 de junho de 2019, a Casa da Memória Unimed Federação/RS é o espaço cultural do Sistema Cooperativo Empresarial Unimed-RS. Idealizada pelo presidente da Unimed Federação/RS, Nilson Luiz May, a Casa se consolida como um polo de fomento à cultura, em suas múltiplas faces. Destaca-se por uma programação contínua e diversificada, abrangendo desde expressões artísticas até debates intelectuais e literários, além de abrigar uma exposição permanente dedicada à história da Unimed e à evolução do cooperativismo médico.

A Casa da Memória, assim, se posiciona como uma ponte entre o passado e o futuro da cultura e do cooperativismo. A conquista da Medalha Cidade de Porto Alegre, em 26 de março de 2024, no aniversário de 252 anos da capital, reflete o reconhecimento e a valorização da entidade pela comunidade. O prêmio é um testemunho do compromisso da Unimed Federação/RS com a promoção cultural e com o desenvolvimento social, reafirmando nosso orgulho pelo impacto positivo gerado.



Potsdam.
Antigas colunatas (não mais existentes) junto ao Palácio da Cidade; ao fundo, a Igreja da Guarnição, Potsdam, Alemanha.
Aquarela, 15x23,5cm.
Acervo Lilly Lutzenberger



Luar na paisagem bávara.
Grafite, 21x24cm.
Acervo Lilly Lutzenberger



Paisagem bávara. Aquarela, 14x20cm. Coleção particular

José Lutzenberger está entre os nomes-chave da cultura no Rio Grande do Sul do Séc. XX. Ele precisa ser constantemente referido por seu exemplo e pela qualidade e o significado de sua produção intelectual, com legados originais e únicos em duas áreas, a arquitetura e as artes plásticas, em dois continentes. Ele viveu e produziu 38 anos e meio na Europa e 31 anos no Brasil; por isso, sua condição, a nosso ver, **universal**. A presente pesquisa e exposição busca ampliar os horizontes de investigação e divulgação da obra desse artista e arquiteto. Tê-lo nesta significativa mostra, com nada menos que 100 obras, deve-se por ter a Casa da Memória Unimed Federação/RS o escolhido para iniciar o ano de homenagens ao bicentenário da imigração germânica – ou *alemã* como se convencionou mencionar. Esta efeméride tem o seu destaque por ser o estado o berço desta colonização planejada no Brasil, que tem como sua data oficial o 25 de julho de 1824, dia em que se fundou a Colônia de São Leopoldo.

Na segunda década do Séc. XIX, o jovem Imperador do Brasil, Dom Pedro I, que tinha como esposa a austríaca Maria Leopoldina (1797-1826), decidiu por esta colonização organizada, primeiramente ao Rio Grande do Sul. Para a então *Província de São Pedro*, vieram, principalmente para as atuais regiões de São Leopoldo, Santa Cruz do Sul, Santo Ângelo, Nova Petrópolis, Teutônia e São Lourenço, europeus oriundos da Renânia, Saxônia, Baden-Württemberg, Pomerânia, Silésia, Boêmia e Westfália, regiões que hoje fazem parte da Alemanha, principalmente, mas também da Áustria, Polônia e República Tcheca.



Rio Elba e a original Igreja de Nossa Senhora, em Dresden, Alemanha. Destruída na Segunda Guerra e reconstruída entre 1993 e 2005. Aquarela, 1908, 12x26,5cm. Acervo Lilly Lutzenberger



Vista posterior da Igreja São Pedro am Perlach, Augsburg, Baviera, Alemanha. Aquarela, 16x24cm. Coleção particular



Aquarela, 21x11cm. Acervo Lilly Lutzenberger

Conforme dados em publicações, o período 1920–1929 foi o de maior vinda de contingente germânico, este já bem fora do contexto imigratório do Brasil Império. Este expressivo número deveu-se em razão da terrível crise gerada pela derrota dos impérios Alemão e Austro-Húngaro, na Guerra de 1914–1918. Dessa situação, imigrou para Porto Alegre, em 1920, *Joseph Lutzenberger*, engenheiro-arquiteto de formação e atividade profissional europeia consistente. Ele veio para Porto Alegre como projetista, sob contrato temporário, na firma de engenharia de Willybaldo Leonard Weise e Eduardo Mennig, fundada em 1917. Seis anos depois, casou-se com Maria Emma Elsa Kroeff (1893–1969), selando o seu destino de aqui radicar-se. Assim, integrou-se à sociedade brasileira em sua atividade como engenheiro-arquiteto, por meio individual ou como empresário construtor, atividade na qual mais se notabilizou e maior fonte de seu sustento familiar.

No Brasil, seu único nome, civil e profissional, foi *José Lutzenberger*. Aportuguesou o seu prenome em costume da época por estrangeiros aqui radicados. Em 10 de janeiro de 1921, assinou o seu contrato de trabalho como José; a partir daí, quando constou *Joseph*, foi exceção. No compromisso de noivado, necessidade legal da época, assinou *José* (2 fev. 1926). Outros imigrantes ilustres aportuguesaram seus nomes de batismo, como o alemão Fernando [Ferdinand] Schlatter, o italiano José [Giuseppe] Gaudenzi e o austríaco Francisco Alexandre [Franz Alexander] Stockinger.

Uma curiosidade sobre o nome de Lutzenberger é a referência ao seu indicado nome completo como sendo *Joseph Franz*

Seraph Lutzenberger. Este nome é a versão do que aparece em seu registro de batismo: “Joseph Franc. Ser. Lutzenberger”, sendo o Franz ali constante como latinizado (Franc.: Franciscus); Seraph trata-se, obviamente, do conhecimento familiar passado sobre o significado dessa abreviação. Depois do batismo, *Franz Seraph* desapareceu dos seus documentos: diploma universitário, patentes militares e passaporte. Mesmo depois, quando o artista elaborou a sua árvore genealógica, não constou. No Brasil, nesse sentido, estes nomes jamais existiram, sendo apenas uma curiosidade no seio familiar. Na Europa embarcou – e aqui desembarcou – como Joseph Lutzenberger. Em Porto Alegre, faleceu sendo José Lutzenberger, sua opção definitiva e conforme a sua naturalização, em 1950.

Lutzenberger nasceu numa sexta-feira 13, em janeiro de 1882, na pequena Altötting, sul do reino da Baviera, integrante do Império Alemão (1871), a apenas 14km da fronteira com a Áustria (então Império Austro-Húngaro). A *Velha Ötting* tem como sua marca distintiva a tradição católica e

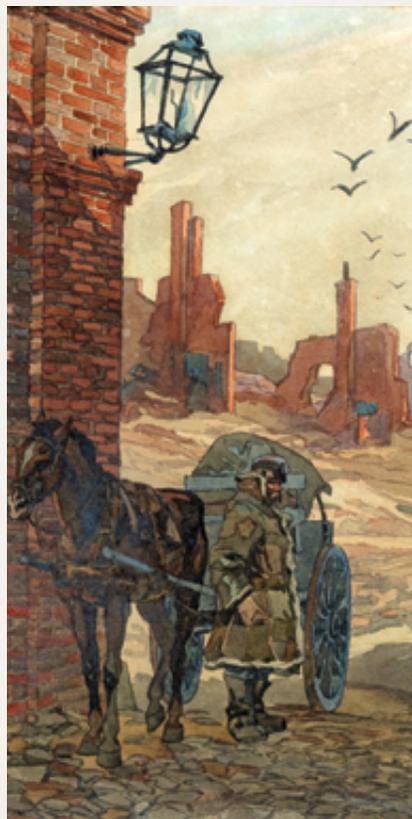


Aubigny-en-Artois, França, invadida pelo Exército Alemão. Aquarela, 1915, 13x16cm. Acervo Lilly Lutzenberger

em sua divulgação turística atual intitula-se o “coração da Baviera”. Joseph era filho primogênito de Magdalena Lerno e Joseph Lutzenberger (este também filho de pai com o mesmo nome). Seu pai era empresário do setor gráfico e editor que almejava que o filho mais velho seguisse o negócio familiar, o mesmo que havia herdado do pai. Cresceu Joseph no seio das artes gráficas, sendo formado pela experiência da convivência e na realização de tarefas em diagramação, tipografia e desenho. Aos cinco anos e meio, entrou para a escola em sua cidade natal. Entre 1892 e 1901, fez o ginásio em seminário jesuíta em Burghausen, na fronteira austríaca.

Após estudos de nível médio, ele não seguiu os negócios familiares, que depois ficaram com o seu irmão, Franz, e foi estudar engenharia em Munique. Sobre a escolha, ele declarou em suas memórias: “Eu escolhi arquitetura como estudo superior profissional, embora em primeiro lugar me interessava naturalmente mais a Arte do que mais tarde a tão necessária técnica” (1929). Portanto, a ideia de que o talento com o desenho estivesse a serviço de uma profissão técnica. Na época de universidade, ele fez ilustrações para livros e produziu aquarelas de paisagem. Uma delas integra a presente exposição, um casario rural visto de cima de uma montanha, realizada em 1904, obra esta entre os trabalhos datados do artista mais antigos.

Após formar-se em 1906 como engenheiro especializado em arquitetura, na Escola Técnica Superior de Munique, mudou-se para Berlim. Lá, cumpriu o serviço militar, no 3º Batalhão de Engenheiros da Baviera. Ao concluir o quartel, por seis meses, entre 1907 e 1908, teve o seu primeiro emprego como



Vila francesa destruída pela guerra.
Aquarela, aprox. 1915, 15x26cm
Acervo Lilly Lutzenberger



Autorretrato durante a guerra. Aquarela, 1917, 27,5x18,5cm. Acervo Lilly Lutzenberger



Exército Alemão marcha em meio à destruição da guerra. Grafite, aquarela e têmpera, 10x18,5cm. Acervo Lilly Lutzenberger



Bateria de artilharia do Exército Alemão em uma trincheira. Aquarela, 26,5x19cm. O artista também realizou outras versões dessa cena. Acervo Lilly Lutzenberger

engenheiro, em Rixdorf, hoje o bairro berlinense de Neukölln. Em seguida, transferiu-se para a Prefeitura de Dresden, capital da Saxônia. Em 1909, voltou para a Baviera, para Augsburg, na companhia de estrada de ferro, por cerca de três meses. Logo foi convidado para trabalhar em Praga, então Império Austro-Húngaro. Na hoje capital da República Tcheca, ele ficou quase oito meses, até janeiro de 1910. Retornou a Berlim para trabalhar seis meses na conceituada firma Reinhardt & Süssenguth.

No início de 1912, mudou-se para Wiesbaden, atual capital do estado de Hesse, a serviço da Prefeitura. Lá, envolveu-se em atividades de associações representativas de engenheiros e arquitetos, em residência que parece ser a mais duradoura de trabalho, na Alemanha. Em pouco mais de dois anos, a Europa mergulhou no inferno da Grande Guerra. Lutzenberger, oficial da reserva, aos 32 anos e meio, apresentou-se em Ingolstadt, entusiasmado pelo fulgor nacionalista. Observou em suas memórias aqueles



Soldado alemão descansa em meio às batalhas, nos campos e vilarejos franceses. Aquarela, 1916, 17x23cm. Acervo Lilly Lutzenberger



Vilarejo francês destruído e trincheiras; no último ano da guerra. Aquarela, 1918, 22,5x10,5cm. Acervo Lilly Lutzenberger

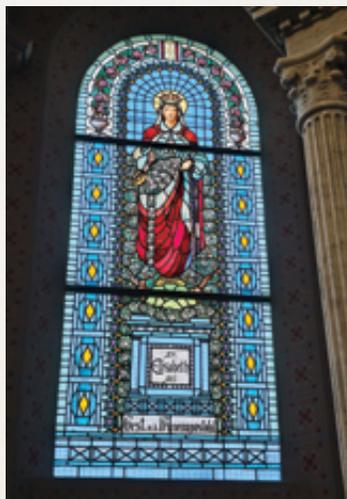
primeiros momentos, que todos esperavam ser breve, como uma “grande mobilização”, “imponente como todas as massas confluentes de homens e cavalos [que] transformavam-se em belas tropas”. Serviu em toda a guerra (1914-1918), no front ocidental, em Bélgica e França, como oficial granadeiro, comandante de pelotão, na artilharia e na infantaria. Foi ferido em combate e recebeu condecorações.

Na guerra, tem-se que conduziu projetos de infraestrutura bélica, como bases de peças de artilharia e construções para observação. No meio do conflito, longe do front, recebeu cursos sobre gases (arma química), em Berlim e Colônia. Como oficial, obviamente recebeu acomodações melhores que os seus comandados, além de uma montaria, tendo ele mesmo feito registros destas situações. No período, o seu feito para a posteridade, de qualidades documentais e artísticas únicas, foi o constante registro do cotidiano da guerra por meio de desenhos e aquarelas, registros desse tipo que são realizados em guerras diversas, por soldados artistas. No caso de Lutzenberger, caberiam estudos comparativos sobre o que ele produziu e outros soldados artistas, em guerras recentes, uma vez que a qualidade de suas obras e o volume de sua produção é impressionante.

Suas aquarelas e seus desenhos registraram de tudo: o cotidiano dos soldados em marcha e em descanso, paisagens ocupadas e áreas devastadas, campos apocalípticos, momentos de descanso em boas e más situações, cavalos, retratos de seus homens e as armas usadas etc. Este excepcional acervo artístico produzido na guerra foi, sem dúvida, muito numeroso. A grande maioria, Lutzenberger trouxe ao Brasil. Em 1934, ele doou uma série de aquarelas para o



Igreja São José. Desenho de Lutzenberger para o vitral de S. Elisabeth, escala 1:10, Aquarela e nanquim, déc. 1920, 10x27cm. Acervo Lilly Lutzenberger. Abaixo, o vitral, executado pela Casa Veit.



Igreja São José. Estudos para as pinturas decorativas e murais. Aquarela e grafite, déc. 1920, 35,5x52cm. Acervo Comunidade São José



Igreja São José. Primeiro estudo para a pintura mural da Visita dos 'reis' magos do Oriente. Aquarela e nanquim, déc. 1920, 16,5x15,5cm. Acervo Lilly Lutzenberger

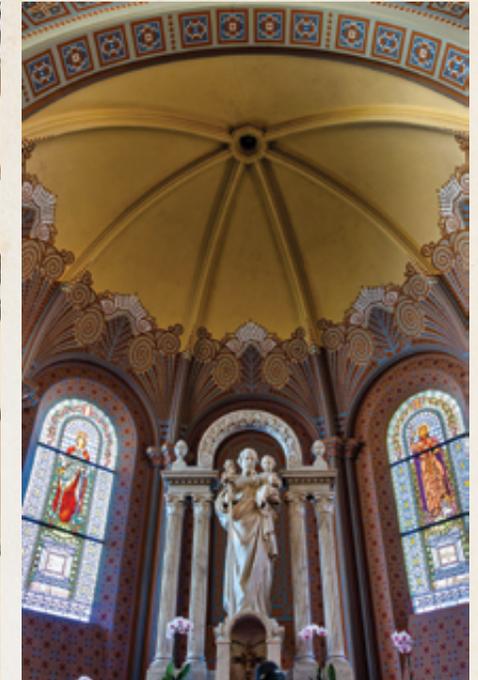


Igreja São José. Pintura mural da Visita dos 'reis' magos do Oriente, ca. 1946. Executado por Ernesto Scheffel, Luiz Borges e Ladislav Nahlovsky



Igreja São José. Estudo avançado. Pintura mural Visita dos 'reis' magos do Oriente. Aquarela e nanquim, déc. 1920, 59,5x51,5cm. Acervo Comunidade São José

Igreja São José. Vistas internas e externa, 2024.



Bayerischen Armeemuseum (Museu Militar da Baviera); sete delas sobreviveram. No ano seguinte, ele doou mais 55 trabalhos, entre desenhos e aquarelas, que tratam principalmente do front ocidental francês e mostram cidades destruídas, trincheiras, quartéis e fortificações. O museu nos informou que há obras com títulos sarcásticos, como "Ureinwohner" (povo nativo), que mostra cidadãos comuns. Em 1982, este museu recebeu mais trabalhos do artista, 19 caricaturas, por doação particular. Em **Lutzenberger Universal**, há 11 obras produzidas na guerra, não mostradas nos últimos 50 anos, pelo menos. A pintura a óleo que retrata o oficial do Exército Imperial Alemão, Joseph Lutzenberger, ícone da presente mostra, é de autoria não identificada. As informações de família indicam que o pintor dessa obra era um conhecido de Lutzenberger. Pela execução da obra, percebe-se que era um artista de domínio profissional da pintura.

Ao fim da guerra (11 nov. 1918), acabou-se o Império Alemão, o qual, como República, foi condenada a pagar indenizações aos países que invadiu e combateu. No início de 1919, Joseph voltou para a Baviera, a recomendar em Landsberg, sob convite para fazer projetos de casas de condomínio, e voltou a ilustrar livros. Em 1920, conseguiu uma colocação na ferrovia bávara; porém, optou por candidatar-se a um emprego no extremo sul do Brasil, o qual foi aceito para cinco anos na construtora Weise, Mennig & Cia, em Porto Alegre. Profissional preparado, de formação sólida, Lutzenberger aos 38 anos e meio de idade desembarcou no Porto de Santos, em 5 de agosto de 1920, procedente de Amsterdam, no vapor Gelria (N.V. Koninklijke Hollandsche Lloyd). Em seguida, dirigiu-se ao sul, no vapor Itapema. Em Porto Alegre, sua primeira morada foi o Hotel Jung, na rua Voluntários da Pátria, 89. Nunca mais retornou à sua Alemanha.



Igreja São José em 2024



Pão dos Pobres em 2024



Pão dos Pobres em 2024



O Rio Grande do Sul era uma região brasileira com grande número de germânicos imigrados e teuto-brasileiros, em zonas rurais e urbanas, massa de trabalhadores capazes, técnicos competentes e empresários de primeira linha. Como a imensa maioria dos imigrantes aqui radicados, eram cultuadores de suas raízes europeias. Para enfrentar o desafio de aprender o português, Lutzenberger valeu-se de seus conhecimentos em latim e francês.

Após o contrato com a Weise, Menning & Cia, em 20 de fevereiro de 1926 Lutzenberger casou-se com Emma, filha de Jacob Kroeff Filho, industrial no Vale do Rio dos Sinos, no cartório do então Segundo Distrito de São Leopoldo (Novo Hamburgo). Emma era uma fervorosa diretora de paróquia católica, a qual ele havia conhecido anos antes, quando do seu projeto para a Igreja Matriz São Luís Gonzaga (N. Hamburgo). Foram noivos com idades “avançadas” para a época, mas o casal se mostrou fértil e gerou três filhos. Ao fim do mesmo ano, nasceu José Antônio Kroeff Lutzenberger (1926–2002), que se tornou um ambientalista de renome internacional e ministro do Meio Ambiente (1992). José Antônio foi o único a ter descendentes, Lilly e Lara, de seu matrimônio com Annemarie Wilm. As irmãs de José Antônio, Magdalena K. Lutzenberger (1928–2017) e Rosa Maria K. Lutzenberger (1929–2021), não se casaram. Trabalharam como professoras de artes plásticas do Instituto de Artes da UFRGS, sucessor do IBA-RS (onde o pai havia sido professor). Rosa, de nome artístico e social Rose Lutzenberger, foi artista de prestígio, especialmente nas áreas da escultura, *design* e artes gráficas.

Em seus primeiros anos, Lutzenberger projetou obras de destaque, a mencionar: Clube

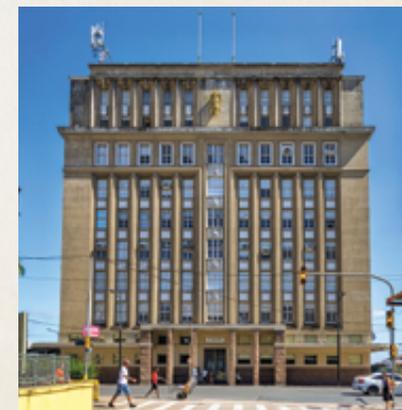
Caixeiral (1922), Igreja São José (1922/24), Orfanato Pão dos Pobres (1925), Fábrica de Calçados Adams & Cia (1925), Liceu de Artes e Ofícios Luiz Palmeiro (1928) e Edifício Bastian Pinto (1928/30). Em Caxias do Sul, o Instituto de Nossa Senhora do Carmo (1927).

De suas obras arquitetônicas sobreviventes em Porto Alegre, destacam-se: Pão dos Pobres, Igreja São José e Palácio do Comércio. Edificações de diferentes usos e com projetos únicos e originais, percebidos até hoje em nossa paisagem. As duas primeiras com a marca do período, a linguagem historicista (ecletismo), obras com referências em estilos do passado, nas quais Lutzenberger lançou mão de toques de sua cultura alemã vivenciada e estudada na universidade. No Palácio do Comércio (1936–1940), empreendeu o uso da linguagem em difusão naquele momento, o modernismo. Cerca de quatorze anos separaram os projetos da São José e do Palácio do Comércio, de linguagens arquitetônicas e contextos culturais bastantes distintos, o que demonstra o quanto aquela época foi dinâmica em suas rápidas transformações estilísticas e conceituais. Em comum, os dois são obras das belas-arts, exemplos de um tempo em que arquitetura, escultura e pintura eram uma área só, em conjunto indissociável nas edificações, entidades orgânicas em seus componentes internos e externos, criadas pelos próprios projetistas a arquitetura, as pinturas e as esculturas, ou com artistas de confiança escolhidos pontualmente para a execução desses elementos.

A arquitetura, em meados do Séc. XX, a partir do modernismo, evoluiu para a sua separação das belas-arts, incluso nas academias, constituindo-se em expressão própria, autônoma. Exemplos históricos



Palácio do Comércio. Anteprojeto, 1936. Aquarela, têmpera e nanquim, 46x52,5cm. Acervo Associação Comercial de Porto Alegre



Palácio do Comércio em 2024.

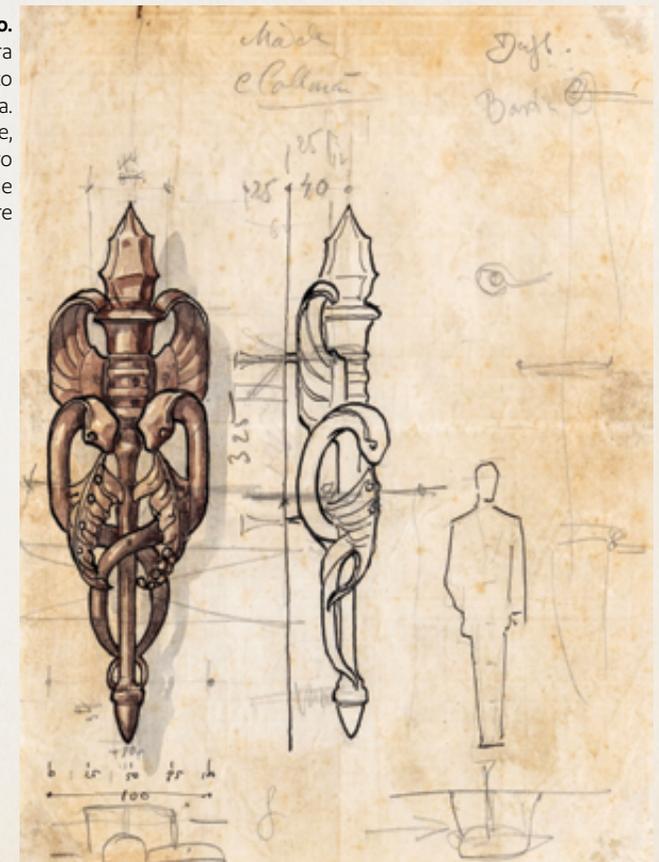


Palácio do Comércio. Projeto dos lustres de madeira e inserção no salão nobre, 1940. Aquarela, têmpera, nanquim e grafite, 22x33cm. Acervo Associação Comercial de Porto Alegre



Palácio do Comércio. Esboço / estudo para áreas internas (detalhe). Grafite, 21x32cm (a folha inteira). Acervo Associação Comercial de Porto Alegre

Palácio do Comércio. Estudo avançado para o elemento escultórico em bronze da fachada. Aquarela, nanquim e grafite, 15,5x20,5cm Acervo Associação Comercial de Porto Alegre





Vista de Porto Alegre a partir dos promontórios do leste, 1921

Aquarela, 27x16cm

Coleção Carlos Jader Feldman

Lutzenberger realizou outras obras que retratam esta mesma vista do atual Centro Histórico de Porto Alegre. Observa-se a antiga Catedral de Porto Alegre, a Igreja das

Dores e a Capela N. S. dos Passos (Santa Casa). Há evidentes distorções, pela criação artística, mas o local pode ser o Morro Petrópolis, próximo ao atual IPA.



Influência do *art déco* no Palácio do Comércio: Vitral da abóboda central, concluído em 1940, em fotografia de 2024. Originalmente o local era a Bolsa de Valores; atualmente sedia a Junta Comercial do Rio Grande do Sul.

fazem de Porto Alegre um destaque singular nas belas-artistas, em exemplos sobreviventes de 1899 à década de 1930, com original estatuária fachadista e decoração interna, criadas aos objetivos dos usos dos edifícios, como o Paço dos Açorianos, o Palácio Piratini e a Biblioteca Pública. Também os atuais, reciclados para novos usos, MARGS e Memorial do RS.

A Igreja São José foi inaugurada em 1924. Nela, Lutzenberger projetou a arquitetura, a decoração pictórica, a arte mural de proporções, o mobiliário e os vitrais. Como havia uma indústria escultórica e artística local, com firmas especializadas (com produção local de qualidade e importação de peças de valor – Friederichs, Aloys, Floriani, Lonardi etc.), Lutzenberger convidou seu conterrâ-

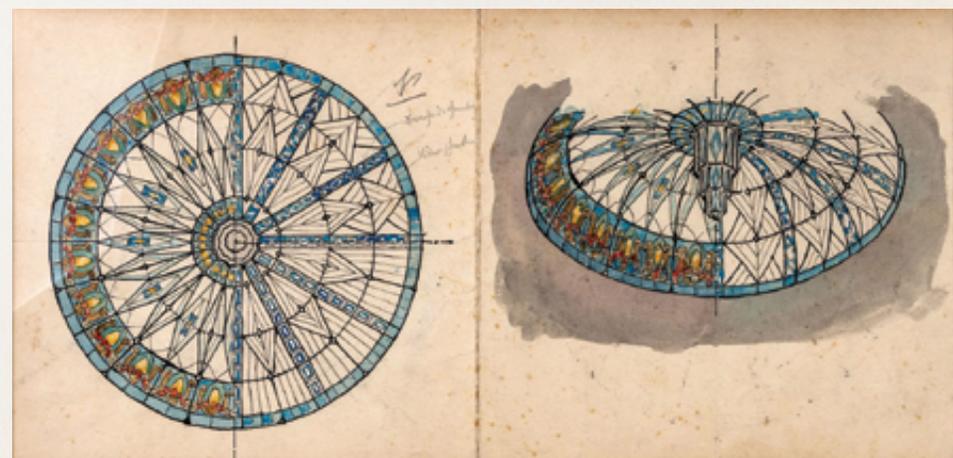
neo aqui radicado, Alfred Adloff (1874-1949), a realizar a estatuária da fachada (São José, os anjinhos músicos e, talvez, outros elementos). Os vitrais, desenhados por Lutzenberger, foram executados pela Casa Veit. As pinturas murais figurativas ilustram cenas da Sagrada Família e foram concluídas por volta de 1946, sendo executadas por alunos do IBA-RS, dirigidos por Lutzenberger, a destacar Ernesto Scheffel (1927-2015), Luiz Borges e Ladislav Nahlovsky (1906-1992). A estatuária do interior é toda esculpida em mármore, na linguagem e execução inconfundíveis dos *Laboratori de Marmo*, da região italiana de Carrara, entre os mais numerosos conjuntos em igrejas brasileiras. É possível que suas escolhas votivas, colocações e esboços tenham sido pensados por Lutzenberger, dados estes que em pesqui-

sas futuras podem ser melhor circunstanciados. Porém, são provavelmente importadas da Itália, pela Casa Aloys ou outra firma. Há baixos-relevos em mármore, menores, até passíveis de terem sido aqui realizados.

O Pão dos Pobres é uma obra bastante significativa, fruto da generosidade das elites e do governo estadual (cedência do terreno). Como obra de caridade (orfanato para meninos), evoluindo à instituição filantrópica de matriz lassalista, não contou com os níveis de decoração interna da época, possivelmente pelo seu financiamento ter sido levantado por doações. O edifício é um marco da paisagem local, em sítio de destaque, junto ao centro. Localizava-se à beira do Guaíba, o que perdurou até os anos 1950, com os primeiros aterros na área. Lutzenberger projetou não só o orfanato, mas também as oficinas de artes e ofícios (Liceu Luiz Palmeiro). Também esteve em seus primórdios entre os maiores edifícios executados no estado, em volume construído, a exemplo

de outra obra notável de caridade, o orfanato feminino Pia Instituição Pedro Chaves Barcellos (1923).

O Palácio do Comércio teve um processo confuso de definição de projeto em 1936; mas, felizmente, a Associação Comercial de Porto Alegre (ACPA) escolheu o arquiteto mais capaz e talentoso do período, Lutzenberger. Após um anteprojeto com quatro pisos, foi possível uma ampliação para oito pavimentos. Novamente uma obra “total”, com o projeto de todos os elementos internos e externos sendo projetados pelo autor: arquitetura, fachada, elementos escultóricos, mobiliários, luminárias e vitrais (estes executados pela Casa Genta). Lutzenberger empenhou-se neste edifício como uma obra moderna não só na linguagem, mas na forma de lidar com a tecnologia, ao integrar como parte decorativa e construtiva uma das grandes novidades da época, os dutos de ar-condicionado, em especial no salão nobre, Bolsa e Café. Utilizou-se de colaboradores,



Palácio do Comércio. Esboços (detalhes) para o vitral da abóboda originalmente projetado para a Bolsa de Valores, aprox. 1940. Aquarela, nanquim e grafite, 64x20,5cm (folha inteira). Acervo Associação Comercial de Porto Alegre

como o seu colega do IBA-RS, João Fahrion, que desenhou os vidros jateados do salão nobre.

O estilo que Lutzenberger utilizou como referência no Palácio do Comércio tem-se de forma unânime como sendo o *art déco*, que causou impacto em Porto Alegre especialmente após a Exposição do Centenário Farroupilha (1935). Bastante complexa e diversificada, esta linguagem teve o seu impulso a partir da *Exposition internationale des arts décoratifs et industriels modernes* de Paris, em 1925, embora desde 1910 tenha começado a aparecer manifestações estilísticas com tais características, em oposição ao *art nouveau*.

O acervo produzido por Lutzenberger para o Palácio do Comércio é numeroso: esboços iniciais, estudos intermediários e avançados etc., constituindo-se de preciosa coleção, patrimônio da ACPA. Para **Lutzenberger Universal**, pela primeira vez é exibido um conjunto numeroso dessas obras, com 30 desenhos e aquarelas. Este modo de pensar a arquitetura por verdadeiras obras de arte exemplifica um dos diferenciais de Lutzenberger e o seu talento como artista, desenhista e aquarelista, sendo ele mesmo o autor de quase todos os desenhos dos projetos, contando com os técnicos da Azevedo Moura e Gertum para as plantas técnicas. Os desenhos arquitetônicos do autor também envolviam a execução de apresentações e registro dos projetos como obras de artes gráficas incomuns, “cartazes” a nanquim e/ou pintados com aquarela e têmpera, com *emolduramentos* e arabescos desenhados com escritas em tipografia única. Uma forma de arte que tem referência em seu ambiente formativo na Alemanha, em revistas de arte e arquitetura, a exemplo de *Moderne*



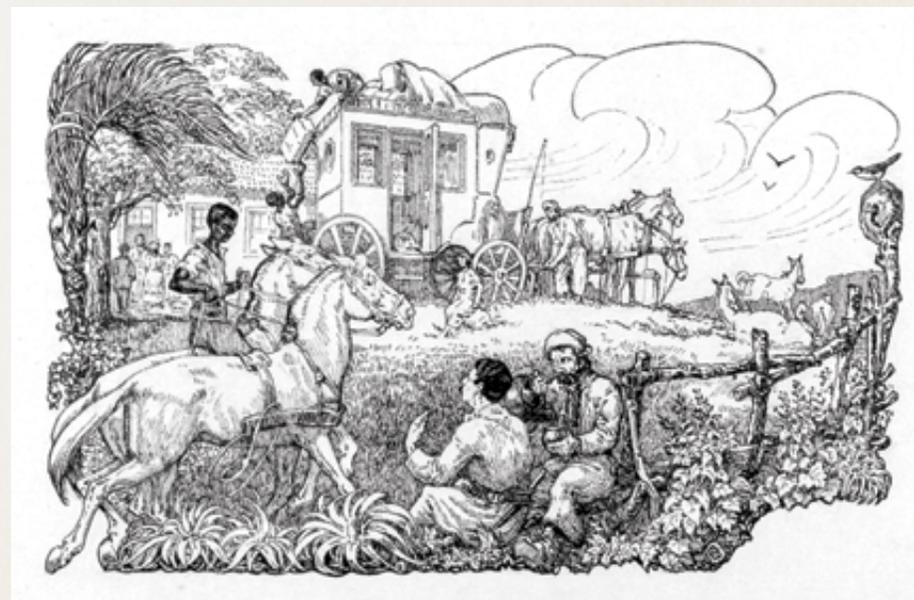
Homem solitário e pensativo contempla a paisagem de uma nova terra. Aquarela, 16x22cm. Coleção particular



Farroupilha foge dos imperiais com o companheiro ferido. Aquarela, 18x26cm. Coleção particular



O tema da colonização. A família que desbrava a nova terra compartilha a refeição. Nanquim, 31x21cm. Coleção particular



Lutzenberger registrou também em suas obras os cotidianos das novas paisagens e pessoas que aqui encontrou. Nanquim, 32x23cm. Coleção particular



Lanceiro farroupilha.
Óleo sobre madeira, 25x40cm
Coleção Carlos Jader Feldman

A Guerra dos Farrapos foi um tema que fascinou José Lutzenberger. O assunto o fez realizar inúmeras obras, possivelmente no contexto do centenário da Revolução Farroupilha, em 1935.

Bauformen, Deutsche Kunst und Dekoration e Jugend. Esta incrível produção pode ser observada na dissertação de Caroline Hädrich sobre Lutzenberger (2021), na qual a autora montou painéis com estes belíssimos “cartazes”. Sua obra autoral e o seu domínio artístico, assim, estiveram intimamente ligados aos seu modo de pensar e criar a obra arquitetônica, característica que o difere de outros célebres projetistas, como Theo Wiederspahn.

Outros projetos destacados do autor: a Igreja e Convento de Santo Antônio, em Cachoeira do Sul (1925–30), o seu maior templo religioso projetado e construído, talvez o de maior influência do neobarroco alemão; em Porto Alegre, também projetou moradias, mansões, edifícios de comércio, o aumento do Colégio N. Senhora das Dores (1926), casas de aluguel para o Liceu Luiz Palmeiro (1931) e o Ginásio Nossa Senhora das Dores (1935). Em Caçapava do Sul (1927–35), a Igreja Matriz N. Senhora de Assunção; em Caxias do Sul, o Hospital N. Senhora Pompeia (1937).

Sobre o significado da produção arquitetônica de José Lutzenberger, Maturino da Luz o considera um dos “elos no sentido de explicar a passagem do ecletismo para a primeira modernidade no Rio Grande do Sul”, ao desenvolver uma arquitetura que “possui características tão específicas que não se esgotam na pura e simples classificação” dessas duas vertentes, “demonstrando identidade própria, coerência e uma certa unidade na sequência da evolução de suas obras”.

Como mencionado, a prática do desenho foi uma constante na vida de Lutzenberger, antecedendo aos seus estudos universitários, uma paixão levada com habilidade e

talento, ao nível da necessidade de produzir como artista, pois nunca cessou de fazer arte, nem durante a Grande Guerra. Como no passado e no presente, a profissionalização artística sempre foi difícil para a sobrevivência material dos criadores. Ele sentiu isso e já se mencionou a sua opção pela formação de projetista para o aproveitamento desse talento em profissão correlata. Sua produção em desenho e aquarela muito cedo definiu-se numa linguagem própria, já identificada principalmente nas suas ilustrações. Por volta de 1903, ele já possuía a sua característica formada no desenho a nanquim, em obras de traços firmes, esquemáticos e simétricos. Características desenvolvidas nas décadas seguintes, apresentadas em salões de arte e nas séries dos postais temáticos.

A aquarela, uma técnica das mais difíceis por não admitir erros em sua execução e necessitar de suporte (papel) de qualidade, Lutzenberger já desenvolvia na faculdade, às vezes acrescida de nanquim e grafite; por outras, com pinceladas de têmpera ou guache. Talvez em Munique ele tenha aprimorado a técnica de modo a dominá-la em sua plenitude, realizando aquarelas dignas de um mestre da linguagem, em cenas urbanas e de paisagem rurais, nas características das melhores escolas da técnica. Durante a guerra, produziu-as impecáveis, mostrando que em meio às batalhas houve momentos de certa tranquilidade e condições técnicas e ambientais propícias para fazê-lo. Aquarelas não são pintadas em improviso e sem o domínio do fazer. Talvez ainda na Alemanha ele tenha experimentado outras técnicas, como a pintura a óleo. Este suporte, observado em raras peças, ele dominou de forma avançada, ao produzir óleos sobre madeira de qualidades evidentes. Apresentou pinturas nessa técnica em exposições de destaque, como na

mostra de belas-artistas do Centenário Farroupilha (1935) e nos Salões do IBA-RS. Em **Lutzenberger Universal**, são apresentados pela primeira vez, em décadas, três óleos sobre madeira, quicá, inéditos.

A produção do artista no Brasil avançou em segmentações e temáticas. Refletiram, obviamente, os novos estímulos visuais, os contatos com a nova gente, seus quotidianos, as paisagens urbanas e rurais, os mitos e a história da nova terra. Na captura dos personagens, muitos são retratados repetidos, em várias obras de arte, por vezes, assumem feições caricaturais e situações hilárias. Incluso no seio familiar, do namoro com Emma e no registro do crescimento dos filhos, o desenho foi uma presença constante. Este trabalho de ateliê, sem vínculos com os projetos construtivos, Lutzenberger não quis inicialmente levar a "sério". Em princípio, tem-se que ele não intencionava destacar-se *profissionalmente*, por meio de exposições de arte, incluso para vendas. Difícil entender por que ele não se sentia como um colega dos demais artistas atuantes, muitos amigos seus que posteriormente vieram a ser seus colegas no IBA-RS. Aos poucos, porém, desfez-se dessa ideia.

Um exemplo dessa visão própria como artista, tímida, ocorreu em setembro de 1935, na grande mostra de belas-artistas do Pavilhão Cultural da Exposição do Centenário Farroupilha, realizada no prédio do atual Instituto de Educação Flores da Cunha, em Porto Alegre. Na Seção de Arquitetura, Lutzenberger participou com desenhos de 18 de seus projetos e 2 não realizados. Porém, em artes plásticas, optou por participar na Seção dos Amadores. Ali, apresentou treze trabalhos – dois óleos, cinco aquarelas e seis

nanquins. Na oportunidade do Centenário, ele também produziu uma numerosa série sobre a Revolução Farroupilha, com aquarelas e nanquins que retrataram a guerra fratricida de cem anos antes. São de Lutzenberger os mais interessantes trabalhos a fabularem sobre combates e escaramuças entre farrapos e imperiais, na tentativa de visualizar o conflito em detalhes de situações de guerra. Este tema, ele possivelmente seguiu trabalhando, na década seguinte. Entre 1940 e 1950, Lutzenberger publicou álbuns impressos temáticos, com reproduções de desenhos a nanquim, em retorno, de certa forma, à sua tradição familiar original na Alemanha. Bem-feitas publicações, em pequenos formatos, com páginas a destacar-se como cartões e textos explicativos de terceiros: *Porto Alegre de Hontem* (1940), *Lendas-Brasileiras*, *O Caixeiro-Viajante*, *O Colono no Rio Grande do Sul* e *O Gaúcho*.

À época, ele já se considerava "brasileiro", pois havia se inscrito como eleitor na 2.^a Zona de Porto Alegre anos antes, em 6 de abril de 1933. No Título de Eleitor, constava como "Brasileiro-Naturalizado", o que não era. Esta inscrição, naquela altura, possivelmente tenha sido um movimento inicial de para a sua efetiva naturalização. Em maio de 1938, Lutzenberger ingressou no IBA-RS como professor de Geometria Descritiva e Perspectiva e Sombras. Cerca de um mês antes, a Áustria havia aderido ao III Reich, ano em que se completava quase sete anos de regime nazista na Alemanha. Ele, um conhecedor do que o nacionalismo exacerbado podia fazer nas pessoas, dada a sua vivência em quatro anos na Grande Guerra, alguma situação pela frente estava certamente a vislumbrar. No ano seguinte (1.^o set. 1939), após sucessivas anexações de territórios,



Óleo sobre madeira, 23,5x39cm.
Acervo Lilly Lutzenberger

Pintura que retrata um casamento no cotidiano rural gaúcho. Realidade que Lutzenberger conviveu, em especial nas regiões das imigrações germânica e italiana. Nesta pintura, o artista realizou as figuras em feições quase caricaturais, como fazia com frequência em sua forma de expressar os traços característicos dos personagens.



Carga de lanceiros farroupilhas.
Aquarela, cerca de 1935, 24x16cm.
Coleção particular



Caixeiro viajante ao acordar do pernoite. Aquarela, 16x24cm. Coleção particular

a Alemanha deu o passo bélico de início ao que veio ser a Segunda Guerra Mundial, com a invasão da Polônia. Para os germânicos e italianos radicados no RS, e seus descendentes, as coisas começavam a ficar nebulosas sobre os rumos na Europa e como o conflito iria atingir o Brasil.

Nos meses seguintes após o início de nova guerra na Europa, Lutzenberger já havia reunido extensa documentação para naturalizar-se. Em 26 de janeiro de 1940, oficiou o seu pedido ao estado do RS, para o envio ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores (Rio de Janeiro). Passaram-se dois anos e a sua cidadania foi negada, em 8 de maio de 1942. Sua situação e a de muitos estrangeiros do Eixo pioram muito com a evolução

do conflito, em prejuízos concretos, fatos lamentáveis e represálias a estrangeiros de bem aqui radicados, ações repetidas da guerra anterior (1914-1918). Situação complexa, sob xenofobia, ao não se separar estrangeiros a viver como brasileiros exemplares, inclusive germânicos antinazistas e italianos antifascistas, ou mesmo desinteressados ou desinformados, daqueles que realmente deveriam ser investigados como espíões ou partidários nazistas.

O trâmite na naturalização foi dado sequencialmente em 1944 e nos dois anos seguintes. O certo é que em 5 janeiro de 1950, junto ao Poder Judiciário do Rio Grande do Sul, José Lutzenberger deu entrada com um novo pedido de cidadania, igualmente com extensa



Carroço do caixeiro na serra. Aquarela, 24x18,5cm. Coleção particular



Gaúchos charlando. Aquarela, 20x27,5cm. Acervo Lilly Lutzenberger



Gaúcho na doma. Aquarela, 20x27,5cm. Acervo Lilly Lutzenberger



Gaúchos charlando. Aquarela, 22 Øcm. Coleção particular

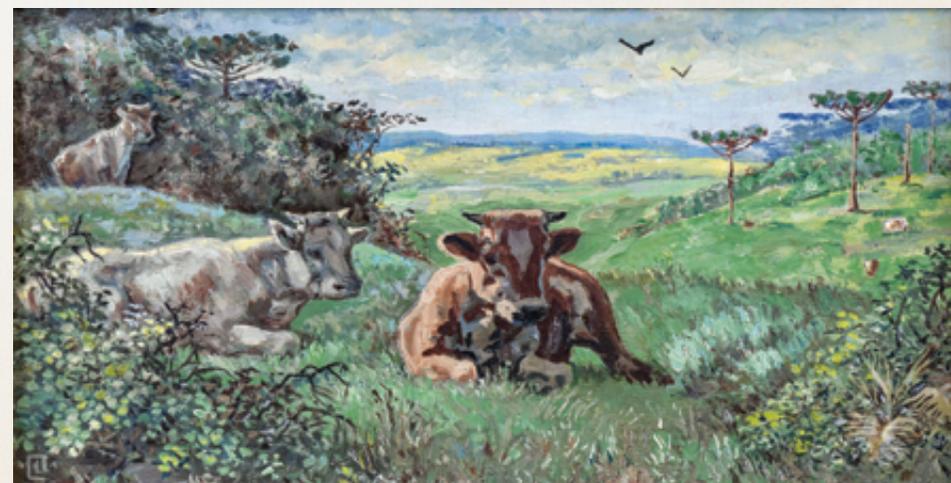
documentação comprobatória de sua opção pela nacionalidade, ao afirmar “que sempre se considerou brasileiro naturalizado”. À época, ele lecionava Sombras-Perspectiva – Estereotomia nos cursos de Arquitetura e Artes Plásticas do IBA-RS. O trâmite dessa vez foi rápido, sendo deferido em 18 de setembro de 1950 a emissão do “competente título declaratório de sua cidadania brasileira”. Em 25 de setembro, o oficial de justiça lhe entregou pessoalmente o “título declaratório”. Cerca de dez meses depois, a 2 de agosto de 1951, Lutzenberger faleceu em decorrência de um câncer.

José Lutzenberger foi um dos milhares de imigrantes germânicos crescidos na perspectiva do então – novo e efêmero – Império Alemão (1871-1918). Com a corajosa decisão de radicar-se em um novo país, à sua maneira ele respondeu e buscou construir a nova identidade brasileira, sem esquecer a cultura assimilada pela vida já plenamente formada que antes obtivera, condição que não pode ser tirada da pessoa, mesmo na construção

de um recomeço em outra nação, por força de uma naturalização. Lutzenberger deixou memórias, cerca de 80 páginas manuscritas, nas quais discorreu também sobre esta situação. Excertos do conteúdo de suas narrativas pessoais estão em trabalhos universitários que trataram de sua produção como engenheiro-arquiteto e artista, em teses, dissertações, conclusão de curso e artigos, em especial a tese de João Hecker Luz (2023). A presente exposição de originais de arte e arquitetura de José Lutzenberger, assim, soma-se aos esforços precedentes em contextualizar e divulgar a vida e a obra deste notável alemão e brasileiro.

José Francisco Alves

Curador



Paisagem serrana. Óleo sobre madeira, 18,5x9cm. Coleção particular

Referências/ bibliografia recomendada

Baptista, Maria Teresa Paes Barreto. *José Lutzenberger no Rio Grande do Sul: Arquitetura, Ensino e Pintura (1920-1951)*. Monografia – TCC, PUC-RS, 2007.

Gomes, Paulo. *José Lutzenberger, Cronista*. In: *José Lutzenberger*, catálogo da exposição, MARGS, 2001.

Grieneisen, Vera. *Aspectos transculturais na arquitetura porto-alegrense – A obra de quatro profissionais alemães entre 1900 e 1950*. Tese, UFRGS, 2019.

Hädrich, Caroline. *José Lutzenberger (1882-1951) e a obra de arte total no Palácio do Comércio em Porto Alegre (1936-1940)*. Monografia – TCC, UFRGS, 2017.

_____. *A arte e o ofício de José Lutzenberger (1882-1951)*. Dissertação, UFRGS, 2021.

Luz, João Hecker. *Joseph Lutzenberger: Vida gaúcha e identidade germânica no Rio Grande do Sul do Século XX*. Tese, PUC-RS, 2023.

Luz, Maturino Salvador Santos da. *“Ide todos a José” – A arquitetura de Joseph Franz Seraph Lutzenberger (1920-1951)*. Dissertação, UFRGS, 2004.

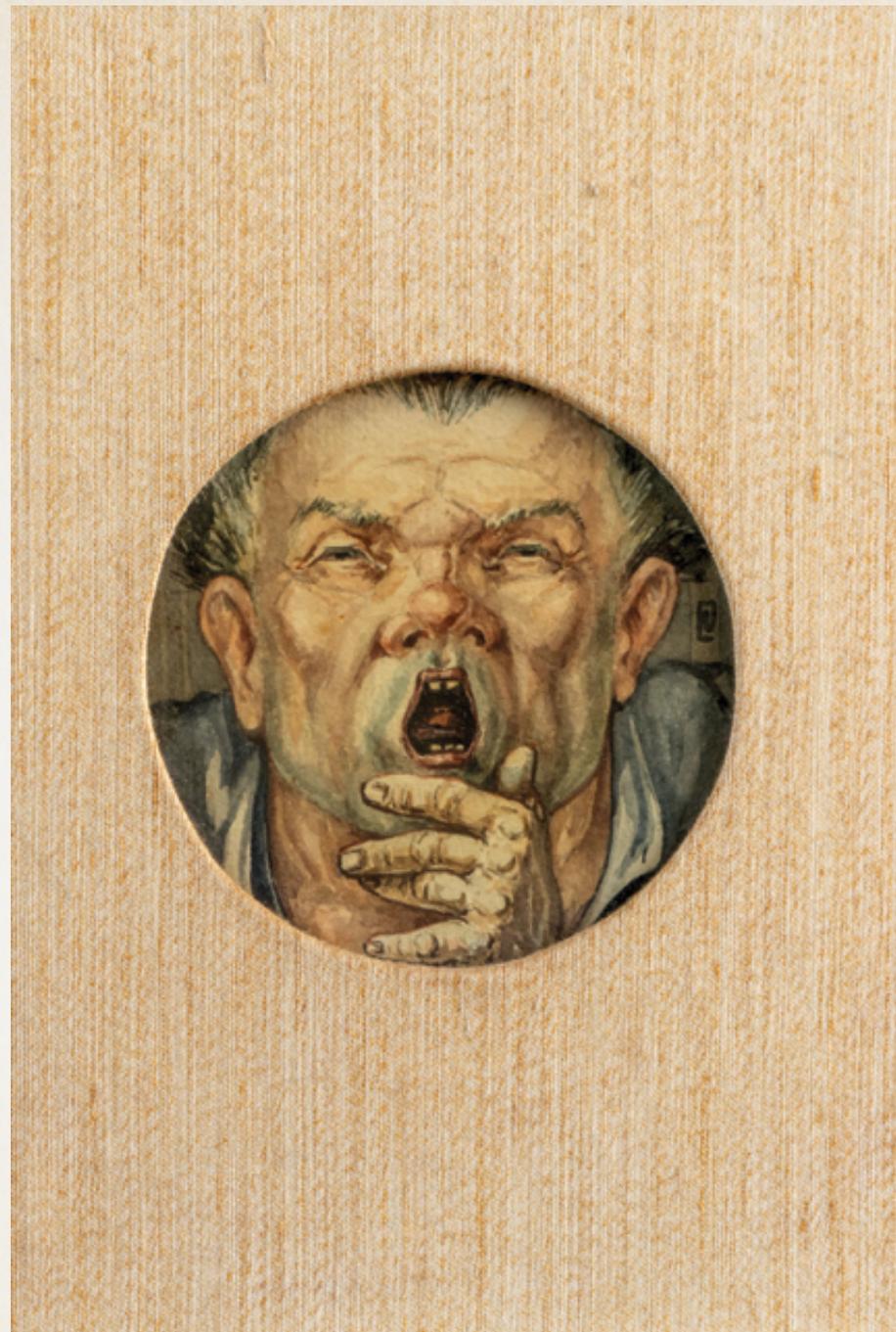
Ravazzolo, Ângela. *Poesia e precisão: as aquarelas de José Lutzenberger como representação da história e do cotidiano (1920-1951)*. Dissertação, PUC-RS, 2005.



Retrato de mulher. Aquarela, 8x10cm.
Coleção particular



Homem com mate e seu cavalo.
Aquarela, 10,5 Øcm. Coleção particular.
Personagem que aparece em muitas obras de Lutzenberger



Retrato de homem boquiaberto. Aquarela, 8 Øcm. Coleção particular



Futebol numa baixada, vermelhos x azuis. Quem sabe Lutzenberger pode ter assistido a um Grenal? Aquarela, 25x17cm. Coleção particular



Cena em uma construção urbana. Aquarela, 24,5x18cm. Coleção particular



Jornal Neue Deutsche Zeitung (Porto Alegre).
Aquarela, 1941, 26,5x19cm. Coleção particular



As notícias do Correio do Povo.
Aquarela, 10,5x14,5cm.
Coleção particular



Roda da Vida. Nanquim, 14x23,5cm. Coleção particular



Alegoria. Nanquim, 23x20,5cm. Acervo Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, Instituto de Artes da UFRGS. Desenho exibido sob o título Parsifal, no 2º Salão de Belas Artes do RS, 1940. Imagem: Acervo Artístico IA-UFRGS



Promoção e Realização



Mostra integrante das comemorações



Apoios



ISBN: 978-65-997262-3-1

